



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE HISTÓRIA**

MANOEL GAMA DA LUZ FILHO

“ELA REUNIU O POVO”: devoção e memória em torno de Nossa Senhora do Bom Parto
na Comunidade da Mangueira, Tracuateua (PA).

BRAGANÇA (PA)
2026

MANOEL GAMA DA LUZ FILHO

“ELA REUNIU O POVO”: devoção e memória em torno de Nossa Senhora do Bom Parto na Comunidade da Mangueira, Tracuateua (PA).

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção de Grau de Licenciatura em História, na Faculdade de História, pela Universidade Federal do Pará, do *Campus* Universitário de Bragança.

Orientador: Prof. Dr. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva

BRAGANÇA (PA)
2026

MANOEL GAMA DA LUZ FILHO

“ELA REUNIU O POVO”: devoção e memória em torno de Nossa Senhora do Bom Parto na Comunidade da Mangueira, Tracuateua (PA).

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção de Grau de Licenciatura em História, na Faculdade de História, pela Universidade Federal do Pará, do *Campus* Universitário de Bragança.

Orientador: Prof. Dr. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva

Aprovado em: 14/07/2026

Conceito: Excelente

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva, orientador
UFPA Bragança, Faculdade de História

Prof.^a Dr.^a Eliane Cristina Soares Charlet, avaliadora
UFPA Bragança, Faculdade de História

Prof.^a Dr.^a Maria Roseane Corrêa Pinto Lima, avaliadora
UFPA Bragança, Faculdade de História

BRAGANÇA (PA)
2026

“ELA REUNIU O POVO”: devoção e memória em torno de Nossa Senhora do Bom Parto na Comunidade da Mangueira, Tracuateua (PA).¹

Manoel Gama da Luz Filho²

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar e refletir sobre o surgimento da comunidade da Mangueira na zona rural do município de Tracuateua, focando na festividade de Nossa Senhora do Bom Parto como grande impulsionadora dos movimentos de socialização e organização social. Dentro dos aspectos que estão além da religiosidade católica, a devoção à Santa expressa laços familiares e diálogos com os saberes ancestrais, especialmente com os conhecimentos das parteiras do lugar, importantes contribuidoras para o culto da Santa naquele espaço. Essas características fortalecem o espírito comunitário e constroem a identidade em torno da imagem, a partir das experiências vividas pelos moradores. O trabalho evidencia a festividade de Nossa Senhora do Bom Parto, elemento central na formação da comunidade e preservadora da memória local.

Palavras-chave: História; memória; catolicismo; Tracuateua; Nossa Senhora.

ABSTRACT

The objective of this article is to present and reflect on the emergence of the Mangueira community in the rural area of the municipality of Tracuateua, focusing on the festival of Our Lady of Good Delivery as a major driving force behind socialization and social organization. Beyond Catholic religiosity, devotion to the saint expresses family ties and dialogues with ancestral knowledge, especially with the knowledge of the local midwives, important contributors to the saint's worship in the area. These characteristics strengthen the community spirit and build identity around the image based on the experiences lived by the residents. The work highlights the festival of Our Lady of Good Delivery, a central element in the formation of the community and a preserver of local memory.

Keywords: History; memory; Catholicism; Tracuateua; Our Lady

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História, da Faculdade de História do *Campus* Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará, sob a orientação do Prof. Dr. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva. Este trabalho é dedicado à minha família, com amor e gratidão por toda a contribuição em minha formação profissional.

² Discente do Curso de História (Licenciatura), do *Campus* Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará, Turma de História de 2022.

1. INTRODUÇÃO

Influenciada pelo catolicismo popular, grande parte da religiosidade brasileira destina-se à devoção de santos católicos, transformados em padroeiros devido suas representatividades. Esses fenômenos surgem como meio de agradecimento mediante graças alcançadas e são expressos por meio de festividades.

O catolicismo popular, por sua vez, tem a capacidade de movimentar saberes e fazeres dentro de determinados grupos³. Intensificado no período moderno, suas características influenciam diretamente as formações de identidades culturais, e numa visão geral, são elementos de integração, onde a religiosidade se compreende a partir da cultura humana⁴.

Muitas dessas crenças são dirigidas à devoção da Virgem Maria mediante seus diversos títulos, como afirma-se no caso de Nossa Senhora do Bom Parto, na Comunidade da Mangueira⁵, interior da Amazônia. Para melhor contextualização, Luiz Henrique de Araújo Oliveira (2025) aponta que “a devoção intensa a ela e aos santos reforça a ideia de que o sagrado não está distante, mas sim próximo e acessível no cotidiano, criando uma ponte contínua entre o mundo terreno e o celeste”⁶.

Em concepções amazônicas, as ocasiões festivas dos santos padroeiros são construídas a partir da memória da coletividade surgida em pequenos grupos. Segundo Eduardo Galvão (1955):

Organizado na base de pequeno grupo local, o povoado, o sítio ou a “franguezia”, o catolicismo do caboclo amazônico é marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de “santo de devoção” identificados a comunidade⁷. (GALVÃO, 1955)

³ Ver em MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular**. Norte Ciência, v. 2, n. 1, pp. 1-26, 2011. p. 33.

⁴ RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. **A religiosidade popular brasileira**. Relegens Thréskeia, v. 4, n. 1, pp. 132–147, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5380/rt.v4i1.42266>.

⁵ Comunidade católica rural pertencente à Paróquia de São Sebastião, município de Tracuateua, no Pará. Dentre as pesquisas desenvolvidas no local, encontra-se o trabalho de Genilce do Socorro da Silva, intitulado em **Retextualizando gêneros orais: As poéticas orais da Comunidade da Mangueira, Tracuateua/PA, em contexto escolar**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2015. E, Lucas do Rosário Luz, no **Relatório do 1º Tempo Comunidade: História de vida e construção de saberes**. Tracuateua: [s. n.], 2022. Trabalhos que retratam os aspectos comunitários e reúnem informações do lugar.

⁶ OLIVEIRA, Luiz Henrique de Araújo. **Com dois a devoção se vê, com três a fé se tece: o culto de Maria Polenta na Curitiba pós 1959**. 2025. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025. Disponível em: ufpr.br. Acesso em: 22 jun. 2026. p. 33.

⁷ Ver em GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. p.4.

Em termos organizacionais, essas festas dedicadas a santos expõem o agenciamento dos sujeitos e as construções de identidades. Sobre circunstâncias sentimentais, esses eventos religiosos carregam grande valor histórico na construção da memória comunitária.

Partindo da própria experiência familiar, sendo neto das parteiras, a pesquisa relata e analisa suas influências e a devoção de Nossa Senhora do Bom Parto para a formação da Comunidade da Mangueira. Neste contexto, o objetivo do presente trabalho consiste em evidenciar a importância da imagem católica na formação comunitária, destacando o fortalecimento dos saberes locais e a construção das identidades.

Os caminhos percorridos para a realização da pesquisa ancoraram-se na história oral, com intuito de “registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade”⁸. Assim, os colaboradores são importantes fontes para compreender a localidade e valorizar a história do lugar.

Outro importante meio para a realização da pesquisa consistiu nas entrevistas semiestruturadas, permitindo o aprofundamento das memórias dos indivíduos, já que “a resposta não está condicionada a uma padronização de alternativas formuladas pelo pesquisador”⁹. Logo, as indagações redirecionam-se de acordo com os relatos apresentados pelas experiências dos contribuintes.

Levando em consideração a delimitação da memória como processo seletivo, partiremos das lembranças dos contribuintes com o intuito de demonstrar as narrativas de vida das duas parteiras da localidade: Francisca Rosa da Silva e Melquiades Gama da Luz, para assim, conduzir a formação do grupo, o surgimento da festa da padroeira e suas importantes influências na construção comunitária. Cabe destacar que atualmente, a comunidade conta apenas com a presença física de dona Francisca.

Desta forma, colher informações sobre o povoado torna-se um dos primeiros passos para preservar e materializar as memórias. Apesar de não ter tido condições de entrevistar as parteiras da localidade pela idade avançada de uma e o falecimento da outra, os relatos de seus filhos demonstram o valor sentimental e devocional centrado na Santa.

À vista disso, procuramos assinalar a transformação religiosa segundo heranças culturais. Para isso, recorremos a Roger Chartier (1990), que entende a história cultural como

⁸ Ver em MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História oral como fonte: problemas e métodos.** Historiæ, Rio Grande, v. 2, n. 1, pp. 95-108, 2011. p.97.

⁹ Ver em MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, pp. 149-158, 1990/1991. p.154.

um local de mudança, onde em “diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”¹⁰. Diante destas interações, expressam-se os sentimentos de patrimônio e identidade gerados pelos indivíduos.

2. O SURGIMENTO DA COMUNIDADE DA MANGUEIRA, A PRESENÇA DE SÃO BENEDITO E O CULTO FESTIVO DE NOSSA SENHORA DO BOM PARTO.

A história da comunidade origina-se do contato entre duas influentes famílias de bases religiosas que se alocaram na região de Tracuateua¹¹ às margens da BR-308¹², iniciado com pequenos terços e posteriormente com as novenas do mês de maio. Com o passar do tempo, novos movimentos foram sendo realizados na localidade, como casamentos e batizados. Por estar situada no percurso das comitivas de São Benedito de Bragança e Quatipuru na região de colônia, a presença do santo tornou-se marcante no território.

Imagem 1: Mapa de localização da Comunidade da Mangueira.



Fonte: GOOGLE. **Imagem de localização da Comunidade da Mangueira.** Satélite *Google Earth*, *Maps*. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/eb8AT3CAbfXbebPe6>. Acessado em: 22 jun. 2026.

¹⁰ Ver em CHARTIER, Roger. **A história cultural:** Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990. v. 1. p. 12.

¹¹ Sendo um dos municípios mais novos da Região Nordeste do Pará, Tracuateua foi desmembrado de Bragança em 29 de setembro de 1994, quando a então vila de Tracuateua foi elevada à categoria de cidade. Uma descrição mais didática sobre a cidade encontra-se em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tracuateua>. Acesso em: 08.06.2026.

¹² A BR-308, também conhecida por Rodovia Transoceânica, é uma das principais vias de acesso rodoviário para a região Nordeste do Pará e cruza o território do município de Tracuateua.

Como visível na imagem 1, a localização da comunidade fica nas proximidades da BR-308, também conhecida como rodovia transoceânica. Em termos de distanciamento, a Vila fica no Ramal do Caranã, a três quilômetros de distância da sede, próximo ao balneário Toka da Amizade, na zona rural do município.

Sobre questões de acesso, vários meios podem ser usados para chegar até o destino, entre estes estão principalmente carros, motos e bicicletas, demorando em média menos de 15 minutos. O acesso também pode ocorrer por meio de caminhadas, variando entre 30 minutos ou menos.

Ao longo do tempo o nome do lugar passou por mudanças e variações. Como exemplo dessas nomeações, aponta-se Parada São Benedito e Braço do Meio Mangueira. Esses nomes fazem referências ao percurso da peregrinação da comitiva de São Benedito, especificamente o de Bragança¹³, à predominância de mangueiras e um dos braços de rio que banha a cidade. Atualmente, o local é conhecido como Comunidade da Mangueira e em noções mais religiosas, também é conhecida como Comunidade Nossa Senhora do Bom Parto.

A escolha dos colaboradores para este trabalho visou moradores antigos, líderes comunitários, membros das famílias fundadoras e conhecedores dos primeiros movimentos que deram surgimento à festa da Santa na localidade, sendo narrativas essenciais para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Neste viés, contemplam-se as experiências vividas pelos filhos do senhor Raimundo do Rosário da Luz e sua esposa Melquiades Gama da Luz: Luzia Gama Luz dos Reis e Antônio Gama da Luz; e o irmão do líder da família, Firmino do Rosário Luz, assim como também, a filha de Elói Romualdo da Silva e sua esposa Francisca Rosa da Silva: Nazíde de Nazaré da Silva Luz. Destaca-se ainda que Firmino e Nazíde atuaram por muito tempo como coordenadores da comunidade, já Luzia atua como “puxadora”¹⁴ de mulheres grávidas.

¹³ A Festividade do Glorioso São Benedito e sua Marujada em Bragança, é um dos movimentos festivos mais antigos da região do Salgado. Marcada pela fé e devoção, a festa em homenagem ao santo, percorre praticamente o ano todo através das peregrinações de suas três comitivas pela região bragantina, contemplando as áreas de colônias, campos e praias, finalizando em dezembro reunido multidões de fiéis nas ruas da cidade. Sua importância histórica, social e religiosa foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural do Brasil. Uma apresentação mais expositiva da festividade é encontrada em <https://bcr.iphan.gov.br/bens-culturais/marujadas-de-sao-benedito/>. Acesso em 23 jun. 2026.

¹⁴ Puxadora: Em comunidades interioranas do Pará e da Amazônia como um todo, as puxadoras são parteiras e/ou curandeiras tradicionais que utilizam técnicas manuais transmitidas de geração em geração para aliviar dores, corrigir deslocamentos e reposicionar o bebê na barriga, especialmente se ele estiver na posição sentada. É um saber ancestral muito valorizado para garantir o bem-estar da mãe e o bom andamento da gestação. (SILVEIRA, 2016).

Imagem 2: Imagem de Nossa Senhora do Bom Parto, da Comunidade da Mangueira.



Fonte: Sâmia Dalila da Silva (2023).

Confeccionada de madeira e revestida de gesso, a imagem presente na igreja erguida para a realização de seu culto, possui 28 centímetros de altura, em teor de largura, sua base inferior consiste em 13,7cm e a parte superior mede 7,6 cm. Símbolo de representatividade, a imagem católica é um marco histórico para os moradores, especialmente da família de Seu Raimundo do Rosário Luz e sua esposa Melquiades Gama da Luz, considerados “donos da Santa”¹⁵.

A simbologia gerada pelos comunitários, transpassa os paradigmas do catolicismo litúrgico e passa a dialogar com os saberes ancestrais. As parteiras representam a ponte que liga o culto da santa aos quartos dos partos, suas intensas recorrências à intercessão da imagem católica em súplica pela saúde de suas parturientes e dos filhos recém-nascidos, fortaleceram o vínculo do saber e da fé.

Existem muitos relatos de intercessões da santa vivenciadas por mães do lugar, visando promessas e recebimentos de bênçãos. No entanto, são aspectos que necessitam de reflexões e análises mais aprofundadas, trabalhos que foquem com atenção nos detalhes das experiências de vida destas mulheres comunitárias, não cabendo neste presente artigo, cujo ressalva a organização da comunidade, considerando a festa e as parteiras como pontos referenciais.

¹⁵ Também conhecidos como proprietários de imagens católicas, o “dono de santo” é o responsável por guardar a imagem do santo em sua residência. De forma mais aprofundada encontra-se em GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. p.197.

Imagem 3: Igreja de Nossa Senhora do Bom Parto na Comunidade da Mangueira.



Fonte: Luciano Lima de Oliveira (2026).

A igreja localiza-se no centro da comunidade e sua construção representa a união do trabalho comunitário coletivo obtido por meio de mutirões¹⁶ realizados no espaço, durante os primeiros movimentos de organização do grupo.

Os colaboradores reforçam que os mutirões são união de forças, exercida pelos comunitários em trabalhos braçais realizados nas roças, plantações de feijão e outros espaços. Motivado pela crença na Santa, o movimento reunia homens e mulheres em prol da construção da igreja, consistindo tanto no levantamento de fundos financeiros quanto da mão de obra para seu erguimento.

Em contexto histórico, a devoção de Nossa Senhora do Bom Parto tem suas origens na França, cultuada na igreja de *Saint-Etienne-des-Grès*, em Paris. Esculpida em pedra escura, era conhecida como “Virgem Negra de Paris”. A propagação de sua devoção inicia nos anos de 1703, quando doada para irmãs enfermeiras da Congregação de São Tomás de Vilanova, em virtude da destruição de seu edifício religioso durante a Revolução Francesa¹⁷.

¹⁶ O mutirão é o trabalho coletivo de um grupo com o mesmo objetivo entre os sujeitos. No meio rural são importantes formas de arrecadar recursos financeiros. Para uma descrição melhor ver em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutir%C3%A3o>. Acesso em: 22 jun. 2026.

¹⁷ INSTITUTO PEDRA (org.). **Museu Boulieu**: Caminhos da Fé. 1. ed. São Paulo: Instituto Pedra, 2022. p. 169. Disponível em: institutopedra.org.br. Acesso em: 22 jun. 2026.

No Brasil, a devoção surge no Rio de Janeiro e expande-se no país através das congregações vindas da Europa, propagada com os nomes de Nossa Senhora do Ó e Nossa Senhora do Bom Sucesso, de tonalidade branca, era sempre muito recorrida pelas mulheres gestantes.

Na comunidade, o culto da Santa inicia-se com a chegada da família do senhor Raimundo do Rosário da Luz e sua esposa Melquiades Gama da Luz, antigos residentes do quilômetro 12 da Rodovia PA-112¹⁸, área rural de Bragança¹⁹.

Um dos principais registros da história da localidade está cravado na árvore de mangueira no centro da comunidade. O responsável pelo registro foi Raimundo do Rosário, durante a chegada de sua família no novo terreno de moradia.

Imagem 4: Registro da chegada da família da família Luz no território.



Fonte: Lucas do Rosário Luz (2022).

A datação descrita na imagem 4, segundo os entrevistados, corresponde ao dia 8 de dezembro de 1979, exatamente o ano da chegada no território. Mesmo com o processo natural de regeneração da árvore, encobrindo a marcação feita, ainda é possível observar alguns traços das numerações.

¹⁸ A rodovia PA-112 chamada de rodovia Dom Eliseu e também rodovia do Montenegro, recebeu esse nome por homenagem ao bispo italiano Dom Eliseu Maria Coroli (1900-1982), que foi um empreendedor de obras religiosas e sociais na cidade de Bragança e no território da então Prelazia do Guamá, hoje Diocese de Bragança. Suas obras modificaram a vida social da cidade e são marcantes em sua história recente.

¹⁹ “Quando nós saímos de lá foi através de, o fazendeiro comprou as terras ‘arredor’ das nossas terras, então tipo obrigou a gente sair, porque ele ia ‘tocá’ fogo nas terras lá dele todinho e nós ia ‘ficá’ no meio da fazenda, aí como não tinha saída pra nós, foi o motivo de nós ‘vim’ de lá pra cá. Quando nós ‘chegamo’ aqui em Tracuateua, né, nesse tempo ainda não era cidade, era município de Bragança, Tracuateua a vila de Tracuateua, aí nós ‘viemo’ pra cá” (Entrevista realizada com Antônio Gama da Luz, em 16.12.2024).

A data transcrita na árvore, também marca a chegada da Santa e de outros santos dentro de um oratório. Herança da família, ele consistia como meio de encontro com o sagrado. Para Juane Braúna Alves (2023), os oratórios são “objetos que proporcionam uma maior intimidade com os santos, trazendo a religiosidade pública para o ambiente doméstico, sendo um espaço de privatização e familiarização da fé”²⁰.

No entanto, mesmo direcionado por esse cenário, para entender o culto à Nossa Senhora do Bom Parto na comunidade, torna-se necessário situar São Benedito como grande evangelizador e construtor da memória. Segundo Jacques Le Goff (1990), “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”²¹.

A partir desse encaminhamento, entendemos que a influência de São Benedito na vida dos sujeitos surge muito antes da formação do grupo, com as peregrinações²². Deste modo, interpretamos os santos como elementos que possuem poderes de mudar concepções e criar vínculos, por isso as devoções estão constantemente em estado de atualização.

Guiado nessa percepção, as experiências relatadas durante as entrevistas expressam memórias dinâmicas e vivas, em torno destas figuras religiosas. Neste ponto, as entrevistas semiestruturadas foram essenciais ao considerar e valorizar a memória vivida pelos entrevistados e suas versões a partir do ponto de vista individual.

Quando situamos atualizações, nos referimos ao campo das emoções, onde a imagem católica é um gatilho de lembranças, ou seja, são as guardadoras das memórias dos devotos e dos lugares, construindo um ciclo entre o passado e o presente.

Isso se apresenta na família do senhor Elói Romualdo da Silva e sua esposa Francisca Rosa da Silva, por localizarem na rota peregrina de São Benedito, a narrativa histórica da imagem católica com a família que está intimamente conectada há mais de 64 anos.

Membro dessa família, dona Nazaré nos conta que os primeiros contatos com a imagem peregrina ocorrem na área conhecida como Mato Peri, antigo local de moradia da família,

²⁰ Ver em Juane Braúna Alves. Heranças e sincretismos na imaginária sacra brasileira: os oratórios afro-brasileiros. **Colóquio do grupo de pesquisa religiões, identidades e diálogos**, v. 31-37, 2023. p. 32.

²¹ Ver em LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p.366.

²² “O São Benedito no Chaú. Lá no Chaú, a igreja do Chaú é de Nossa Senhora do Livramento, aí como eles souberam que nós tínhamos São Benedito, eles vieram lá, e pediram pro papai, que eles queriam o São Benedito, o papai ‘num’ dava pra eles levarem, pra eles saírem nas ‘esmola’. Que nessa época, toda igreja saía um santo. Lá a Santa saiu, Nossa Senhora do Livramento saía nas ‘esmola’, de caixa assim, só uma caixa. E aí eles queriam o São Benedito, e o papai ‘aduiu’ pra lá, passou quatro ano, aí ele não queria mais entregar de volta, então o papai foi buscar, aí veio e eles entregaram, tambor, bandeira, cofre, a toalha do santo, tudo veio” (Entrevista realizada com Firmino do Rosário Luz, em 21/04/2025).

pertencente a uma outra vila da região. O fato acontece quando Elói Romualdo acolhe o santo em sua residência, após a comitiva das colônias ser surpreendida ao encontrar a dona da casa onde a imagem iria pernoitar, em intenso estado de embriaguez.²³

Considera-se oportuno narrar essa relação com o santo, porque as entrevistas nos sugerem um mundo de proximidade emocional e devocional, construída entre as imagens católicas e os sujeitos, como pode ser visto a seguir:

“Era dois ‘santo’ que o papai, ele venerava, era São Benedito e Nossa Senhora do Livramento, que era essa do Caranã. Ele mandava ‘reza’, o Santo ficava em outubro, era, o papai fazia só duas festas na casa dele, ele não fazia festa de dança, ele não tinha outras festas assim. Ele mandava ‘reza’ em outubro que era o santo, ele dizia que era a festa da casa dele, era a nossa festa, era a festividade de São Benedito quando ele ‘poroitava’ e a reza de Nossa Senhora do Livramento quando ele terminava o roçado dele, por exemplo ele terminava o roçado dele em novembro, aí em dezembro, aí ele mandava ‘reza’, fazia mandicuera, muita mandicuera, fazia janta pro rezador, e ia ‘manda’ busca ela, pedia ela lá na igreja, nesse tempo eles ‘davo’, e a mamãe ia ‘busca’ a Santa na igreja e ‘butava’ lá, lá eles ‘fazia’ a reza dele, novamente que nem a do Santo, só não tinha tambor e as bandeiras, nem essas coisa, a onça não tinha, que nem a do Santo, mas ele fazia. Então era dois ‘festejo’ que tinha em casa só, era São Benedito e Nossa Senhora do Livramento, aí com o passar do tempo depois que nós ‘viemo’ pra cá, já não ‘dero’ mais a Nossa Senhora do Livramento, mas ele continuava ‘manda reza’ só assim sem ela, mas o santo continuo” (Entrevista realizada com Nazíde de Nazaré da Silva Luz, em 16.12.2024)

O relato mostra a familiaridade presente na vida cotidiana dos moradores. A tentativa de retratar a relação do sujeito com os santos, demonstram a particularidade cultural e religiosa presente na vida das pessoas. A festa descrita revela um mundo onde as imagens católicas são participativas da vida social. A partir desse direcionamento, torna-se mais claro observar o simbolismo de Nossa Senhora do Bom Parto na comunidade.

Os primeiros contatos da família do senhor Elói Romualdo com a Santa surgem na Taboqueira (novo terreno onde a família passou a viver após intrigas no antigo local de moradia). Na localidade costumavam realizar pequenos movimentos de rezas, chegando até a ser apontado pelos entrevistados como o local onde a comunidade surgiu. Todavia, a ausência de um santo fixo, não permitiu que o povoado se desenvolvesse enquanto grupo comunitário.

O cenário muda com a primeira aparição da Santa para os comunitários durante a coroação de Nossa Senhora, homenagem simples, mas de grande valor sentimental.

²³ “Ele era muito grato a São Benedito devido, devido a chegada do Santo lá em casa, devido a mulher que ficava o santo na casa dela, ela era alcoólatra, então no dia que o santo chegou na casa dela, ela ‘tava’ muito porre, o encarregado do santo ‘se zangou-se’ e pediu que o papai desse uma hospedagem pra ele na casa dele, aí ele deu. Dessa hospedagem é, até hoje ele ainda fica na casa da mamãe, agora o papai não existe mais, mas fica na casa dela por ‘caso’ disso, aí ele se tornou assim um devoto e entrou na Irmandade do santo, botou uma filha na Irmandade do santo” (Entrevista realizada com Nazíde de Nazaré da Silva Luz, em 16.12.2024).

Ornamentada com flores naturais, arranjos de sacolas e crianças que conduziram o coroamento da Santa²⁴, o evento marcou o nascimento comunitário no território onde a Santa estava localizada.

Esse movimento celebrativo, levou Melquiades doar a Santa para ser cultuada pelos sujeitos. Apesar de a imagem católica ser selecionada por seu tamanho, por carregar o título de intercessora de partos, logo ganhou representatividade no povoado, diante dos laços devocionais criados pelas parteiras e pelas promessas fervorosas dos pais e mães para a saúde de seus filhos no momento agonizante do parto.

Os milagres de partos e a identificação com as parteiras contribuíram para concretização dos laços de devoção. Assumindo “importância especial”²⁵, o culto direcionado para Nossa Senhora do Bom Parto deixou de ser aspecto particular, tornando-se uma esfera coletiva liderada pelas parteiras.

O agenciamento das duas líderes comunitárias, ganha força com os falecimentos das figuras patriarcas do lugar²⁶, passando a ser um espaço de autoridade feminina. Este aspecto reforça-se com a escrita de Michelle Perrot (1995) onde afirma que as “mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas”²⁷, especialmente tratando-se de mulheres amazônicas detentoras do saber²⁸.

Principiando de informações adquiridas por mães comunitárias, estima-se que foram realizados pelas duas parteiras cerca de 32 partos apenas na comunidade, sendo 26 de Francisca, cujo último ocorreu em 2002, e 4 de Melquiades, com seu derradeiro trabalho em 1999.

A representatividade feminina e a simbologia culminaram na festividade da Santa em 22 de outubro de 1995, um ano depois da coroação²⁹. O momento contou com a presença das

²⁴ “Pela coroação. A primeira vez que ela saiu do oratório foi pela coroação, foi eu que tirei do oratório ajeitei, limpei ela e botei em cima de uma mesa, fiz uma ‘tualinha’ pra ela e ali nós ‘fizemo’ a primeira coroação, tudo ‘cum’ flores naturais e até sacola de saco, ‘foi as flores que foi enfeitado’ a Nossa Senhora” (Entrevista realizada com Nazíde de Nazaré da Silva Luz, em 16.12.2024).

²⁵ Ver também em MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular**. Norte Ciência, v. 2, n. 1, pp. 1-26, 2011. p.11.

²⁶ Segundo relatos dos colaboradores e um relatório elaborado em 2009 por Nazíde de Nazaré da Silva Luz, na ocasião atuando como coordenadora, é assinalado em 1982, o falecimento de Raimundo do Rosário Luz e em 1986 o do Elói Romualdo da Silva. Neste mesmo ano, um dos líderes comunitários mudou-se para a região urbana do município, e também foi eleito Luiz Valdemar Pereira como o primeiro coordenador da localidade. No entanto, a liderança maior ficou a cargo das matriarcas.

²⁷ Ver em PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres**: relato de uma experiência. **Cadernos pagu**, n. 4, pp. 9-28, 1995. P. 9.

²⁸ DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

²⁹ A data da festividade é confirmada a partir do cruzamento das entrevistas com um registro de batismo da época.

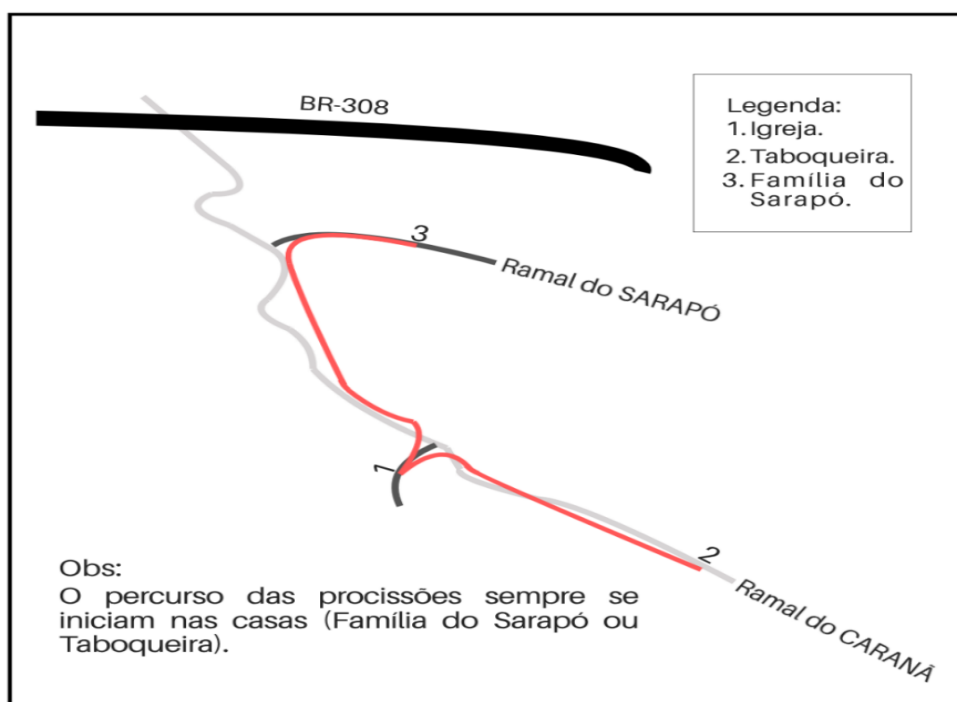
irmãs da Congregação de Santa Teresinha, Estelina de Oliveira e Élcia Lopes, com o apoio do padre Manoel Lopes e da catequista Sandra Moraes.

Para o registro da comunidade, Firmino relata que com muita dificuldade conseguiu fazer isso na paróquia de São Sebastião em Tracuateua, o que tornou a festa mais litúrgica. O impacto dessa mudança influenciou na forma como a festa era conduzida, passando a ser realizada segundo as normas impostas pela Igreja. No entanto, o momento festivo e a devoção à Santa já eram parte da vida dos comunitários, moldados dentro de uma estrutura cultural.

3. A FESTIVIDADE DA PADROEIRA E OS SABERES DO LUGAR.

A homenagem à Santa, na comunidade, ocorre nos primeiros finais de semana do mês de outubro, período correspondente ao dia comemorativo da Santa no calendário litúrgico. No entanto, a preparação para a festividade inicia em setembro com a peregrinação das imagens pelas casas dos comunitários.

Imagem 5: Mapa de percurso da procissão.



Fonte: Manoel Gama da Luz Filho (2026)

As casas de onde as procissões da festividade da Santa costumam sair, variam de ano para ano, mas as rotas seguem esse mesmo percurso descrito no mapa apresentado acima (Imagem 5). A região da Taboqueira, como se pode observar, é o local de onde as procissões

saem frequentemente. Por muitos anos, a imagem saía da casa da parteira Francisca, moradora dessa localidade. No entanto, por motivos de saúde, outras casas começaram a receber a Santa.

A ilustração, de forma superficial, demonstra também os caminhos percorridos pelas imagens peregrinas durante o período de preparação para a festividade, quando as famílias são visitadas pelas imagens das Santas.

As imagens peregrinas são duas Santas pequenas de Nossa Senhora do Bom Parto, que visitam todas as residências da comunidade por meio de grupos de evangelização. O fim da peregrinação com o retorno das imagens para a igreja, marca o início da semana festiva, sendo a primeira programação dirigida ao encontro das imagens³⁰.

Cabe destacar que as visitas são sempre muito aguardadas pelos comunitários, quando acolhem os evangelizadores e a Santa com muita alegria. Ao longo da semana, as programações da festa se intensificam com a apresentação do manto da Santa e especialmente, com visitas de comunidades vizinhas responsáveis por conduzir alguns momentos celebrativos no decorrer da programação. Os mantos, em muitos casos, são doados por meio de promessas alcançadas pelos devotos.

Três dias antes da festividade, ocorre a o levantamento dos mastros. Neste momento, a comunidade se reúne na casa dos juízes da festa e conduz o mastro até o local onde o leilão será realizado. Com muito entusiasmo, os comunitários levam o mastro da Santa em seus ombros acompanhados de uma pequena procissão.

O juiz e a juíza da festa por sua vez, são pessoas que ajudam na festividade de forma direta, simbolicamente os responsáveis pelo festejo. As escolhas dos novos juízes dependem dos juízes que estão à frente da festividade de cada ano (atuais). Em casos específicos, já são direcionados por promesseiros que estão aguardando vaga para cumprir suas promessas.

A semana festiva é o período em que a comunidade ganha vida e a relação de sociabilidade entres as pessoas se fortalece. Na véspera da data marcada para a realização da festa, a programação inicia no começo da noite, ocorrendo a transladação da imagem³¹. Grande parte do público é formada pelas próprias famílias residentes no espaço. Na manhã seguinte, o momento festivo se inicia com a procissão, em um percurso conduzido pela imagem católica.

³⁰ O encontro das imagens é celebração que marca o início da festividade, com o retorno das duas imagens para a igreja.

³¹ A transladação é a celebração seguida de procissão até a residência de onde a imagem irá sair. Ocorrem na véspera da festividade.

Imagem 6: Procissão da festividade de Nossa Senhora do Bom Parto³².



Fonte: Carlos Cosme da Silva Luz. Acervo da Paróquia São Sebastião, Tracuateua, PA, Pascom, 2025.

A procissão junta familiares e amigos em um espaço de socialização em torno da devoção. O rito celebrativo conclui-se com a missa no final do percurso e a escolha dos novos juízes da festividade para o ano seguinte. Após isso, acontece o leilão, encerrando o momento festivo e iniciando um novo ciclo.

Os agradecimentos e devoções presentes na festividade e ligados às graças alcançadas, ganham representações simbólicas que perpassam as estruturas religiosas.

Promovendo espaços de identidade, o momento vivenciado pelos moradores da comunidade forma-se através da memória individual, mas se expressam na memória da coletividade. Nessa finalidade, Maurice Halbwachs (2003) direciona que “memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”³³, ou seja, o culto à intercessora em partos é o resultado da formação de várias experiências que estão em conjunto.

As narrativas de vida das mulheres dentro do espaço são essenciais para entender a construção da identidade, o fortalecimento da Santa como padroeira na formação comunitária e a concepção do catolicismo caboclo perante o saber de cura. Partindo desse direcionamento e refletindo sobre os saberes de cura mediante os conhecimentos de pajelança cabocla, destacando a figura feminina, Maria Betânia Barbosa Albuquerque e Mayra Cristina Silva

³² Imagem da festividade de Nossa Senhora do Bom Parto na Comunidade da Mangueira, ano de 2025. Disponível em <https://www.instagram.com/p/DPfGjV5kXx0/?igsh=MXBwbjkyZDFzbGcyZw==>. Acesso em: 22 jun. 2026.

³³ Ver em HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. p.51.

(2026) afirmam que esses saberes de saúde estão envolvidos em “diversas tradições culturais e religiosas, sobretudo indígenas, cristãs católicas e africanas”³⁴. E reforçam ainda mais, demonstrando a religiosidade e o saber de partos ligados a estas diferentes raízes ancestrais.

Nesta mesma linha, Vanderlúcia da Silva Ponte (2021) assinala os cuidados das parteiras com as mulheres, situando os banhos, rezas e chás de plantas medicinais³⁵ meios de preparação e recuperação do corpo. Mesmo tratando de estudos relacionados ao contexto de aldeias indígenas do Alto Rio Guamá, a obra fortifica o cuidado proporcionado pelas parteiras da comunidade, visando suas parturientes.

Apesar de ter influências diretas dos conhecimentos de parteiras, o local também encontra outros saberes direcionados para a questão da saúde. Entre os sujeitos possuidores desses conhecimentos, destaca-se a “puxadora” de mulheres grávidas.

Segundo Florêncio Almeida Vaz Filho (2016), “puxadores e parteiras não estão fora da lógica do dom e da pajelança, mesmo que dependam mais de uma iniciação prática do que de uma inclinação sobrenatural”³⁶. Nesta percepção, as ligações entre os sujeitos e as imagens católicas ganham novas proporções em vista da religiosidade, como pode ser visto nos relatos dos contribuintes:

“A oração, a intimidade que ela tinha com Nossa Senhora do Bom Parto era a oração, ela fazia a oração dela, ela pedia e ela recebia.” (Entrevista realizada com Nazíde de Nazaré da Silva Luz, em 16.12.2024)

“A mamãe tinha essa devoção muito grande com Nossa Senhora do Bom Parto, até que ela tinha uma oração, né? A oração de Nossa Senhora do Bom Parto que ela rezava na hora que ela ia fazer o parto das mulheres”. “A devoção que ela tinha era muito forte com Nossa Senhora do Bom Parto, até que ela incentivou, e hoje tem uma igreja aqui na comunidade da Mangueira, município de Tracuateua, é Nossa Senhora do Bom Parto” (Entrevista realizada com Luzia Gama Reis Luz, em 16/12/2024)

Partindo do princípio de ressignificações, os relatos das filhas das parteiras, nos apontam como a imagem católica se faz presente na vida e história dos comunitários, especificamente aparecendo diante do meio familiar. Em outro trecho da entrevista, também se torna possível observar essa intimidade:

“Na minhas orações, eu tenho ‘muito’ e muita fé em Jesus, porque, Maria ela tem vários ‘título’ de, tem Nossa Senhora de Nazaré, tem Nossa Senhora do Bom Parto,

³⁴ Ver em ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; FARO, Mayra Cristina Silva. **SABERES DE CURA: UM ESTUDO SOBRE PAJELANÇA CABOCLA E MULHERES PAJÉS DA AMAZÔNIA**. Revista Brasileira de História das Religiões, [S. l.], v. 5, n. 13, 2015. DOI: 10.4025/rbhranpuh.v5i13.30252. p. 60.

³⁵ Ver em PONTE, Vanderlúcia da Silva. **Saúde, doença e predação na cosmopolítica da gestação, do parto e do pós-parto entre as mulheres Tenetehar-Tembé da Terra Indígena do Alto Rio Guamá-Pará, Brasil**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 17-47, set./dez. 2021. p.28.

³⁶ Ver em VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **Pajés, benzedores, puxadores e parteiras: os imprescindíveis sacerdotes do povo da Amazônia**. Santarém: Universidade Federal do Oeste do Pará, 2016. p.21.

tem Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ‘mais’ é só uma Maria, só que ela tem vários títulos, tá entendendo? Então, através disso aí, eu como é, tem ‘aqueles’, aquela visão de quando eu vou ‘puxa’ uma mulher eu ‘lembra’ dela, né? Eu digo Jesus, que não seja a minha mão, mas seja a Sua mão minha mãe, Nossa Senhora do Bom Parto interceda pelo seu filho, como a senhora intercedeu lá na ‘cana’ da Galileia, naquele casamento bonito que faltou o vinho, e ela disse, faça tudo o que ele vós disser, e ele disse mulher ‘inda’ não chegou a minha hora”. (Entrevista realizada com Luzia Gama Reis Luz, em 16/12/2024)

A narrativa da puxadeira de mulheres grávidas aponta a circularidade de culturas. Florêncio Almeida Vaz Filho (2016) direciona ainda que “puxadores e parteiras normalmente são também benzedores, e devem conhecer muitas orações dirigidas a Deus, aos santos católicos”³⁷. Em vista disso, as narrativas permitem direcionar pontos circulares que movem as aculturações envolventes no ato de devoção.

Peter Burke (2003) ressalta que o “trajeto circular não termina no mesmo local onde começou, já que cada imitação é também uma adaptação”³⁸. Com base nesse norteamto, podemos situar que os cultos aos santos como meio de circularidade religiosa, permitem a circulação entre o sagrado e os saberes culturais.

Em parâmetros devocionais, os envolvimento íntimos entre a imagem católica com os moradores, transcorrem a figura da imagem católica como membro da família. Nesta lógica, Heraldo Raymundo Maués (2011) enfatiza os santos no catolicismo amazônico como “uma pessoa viva”³⁹ e ativa no cotidiano dos indivíduos.

Dentro desses entrelaçamentos, a presença da Santa católica no espaço comunitário manifesta-se sobre as características dirigidas ao afeto, à proteção, maternidade, cuidado e à capacitação.

Na tentativa de explicar o sentimento presente na imagem, os contribuintes relatam:

“Mãe e padroeira”. “Sou muito grata à imagem de Nossa Senhora do Bom Parto, muito grata mesmo, por tudo aquilo que faço e que eu vivo hoje. Pelo meu aprendizado, porque eu não tenho estudo, só tenho a quarta série, né? Eu me considero analfabeta né? ‘pelo’ meus ‘estudo’, mas me sinto capacitada por intermédio de Nossa Senhora do Bom Parto”. “Quando cheguei, não existia comunidade, ela ‘entro’ sendo conhecida como Nossa Senhora do Bom Parto, porque a única comunidade que tinha mais próxima era Caranã, aí Tracuateua, aqui não tinha, aí sempre eu imagino assim, se não tivesse a padroeira dessa comunidade o que seria? O que seria de, de nós? O que seria de nossos ‘filho’? O que seria de nossas ‘criança’? Então, se hoje nós ganhamos essa ‘bença’, através dela, porque ela nos ‘tiro’, ela nos ‘tiro’ do abismo. Então eu vejo a comunidade da Mangueira, primeiro eu enxergo Nossa Senhora do

³⁷ Ver também em VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **Pajés, benzedores, puxadores e parteiras**: os imprescindíveis sacerdotes do povo da Amazônia. Universidade Federal do Oeste do Pará, 2016. p.22.

³⁸ Ver em BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. (Coleção Aldus, 18). p. 32.

³⁹ Ver em MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico: um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Edições Cejup, 1995. p.171.

Bom Parto. “Ela reuniu a comunidade, ela reuniu o povo”. (Entrevista realizada com Nazide de Nazaré da Silva Luz, em 16.12.2024)

“Ah, pra mim é uma alegria muito grande, né? Que ver quando ela vem na minha casa, a ‘image’, que todo dia ela vem em casa, ela tá em casa, né? Mas, quando a ‘image’ também que chega em casa é ‘muito’ alegria”. (Entrevista com Antônio Gama da Luz, em 16.12.2024).

Os depoimentos propõem que o surgimento do culto transcorre a intimidade construída na devoção e refletem sobre as ligações de pertencimento formadas diante da convivência. Para Stuart Hall (2006), essas transformações no meio cultural têm a capacidade de mudar as “identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”⁴⁰. Neste sentido, as raízes identitárias aprofundadas nos laços devocionais, modificam o meio social.

Desse modo, as devoções como atos de familiaridades construídos pelas orações e pedidos presentes nos cultos dos santos, expressam sentimentos que movem sujeitos e promovem festejos com procissões. Desta maneira, as festividades de santos padroeiros na religiosidade amazônica são ações marcantes e significativas para aqueles indivíduos que as promovem e as vivem.

Dentro desse contexto, Maria Luísa Sandoval Schmidt e Miguel Mahfoud (1993) afirmam que a “memória coletiva encontra seu lugar na tradição e, ao mesmo tempo, dinamiza as tradições, num processo semelhante ao que foi descrito em relação às lembranças no contexto dos quadros sociais”⁴¹. Isso permite direcionar que as imagens da Santa, além de situar objeto de circularidade cultural, também agrupam lembranças daqueles que agiram ativamente no culto da imagem católica, e deixaram seus legados no movimento.

Na tentativa de preservar as lembranças e os saberes perante o simbolismo e a devoção que está além do sentido religioso, o culto festivo da Santa dentro da comunidade, direciona dimensões culturais que contribuem para a consciência patrimonial, pois o fenômeno religioso passa a ser direcionado pelos sujeitos como parte do processo histórico do local construído sobre suas memórias.

Fátima Maria Alencar Araripe (2004), ao refletir sobre o patrimônio em sua proporção cultural e memorial, afirma que:

⁴⁰ Ver em HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006. pp. 15-61. p. 9.

⁴¹ Ver em SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. **Psicologia USP**, v. 4, n. 1-2, pp. 285-298, 1993. p. 293.

“A força do poder simbólico, nos fatos e ações que se fazem presentes na construção do social tem a importância significativa, na medida em que envolve a memória – como curso de reconstrução histórica; e a identidade, como toda complexidade que o conceito envolve – como forma de legitimação e reconhecimento do que se apresenta como patrimônio, possibilitando ao homem se encontrar, se identificar e acreditar que o que ele vê faz parte da sua memória, da memória do seu grupo”⁴². (ARARIPE, 2004)

A partir desse norteamto, podemos considerar o culto à Nossa Senhora do Bom Parto, como elemento de fundação da comunidade, importante não apenas na grandeza dos movimentos religiosos e na organização social, mas por outro lado, nos envolvimento culturais sendo influente elemento de identidade presente nas vidas dos sujeitos, como resultado de um processo movido pelas memórias e encadeado pelas heranças ancestrais.

Através disso, é perceptível entender como os santos católicos envolvem os humanos em sentidos sociais e são capazes de interferir nos nomes dos lugares. Assim, contemplando essa religiosidade, visamos um cenário amazônico em seus tons diversos e plurais.

Em suma, através da festividade de Nossa Senhora do Bom Parto, situamos o fortalecimento identitário dos moradores da comunidade, preservando as memórias e os saberes dos agentes históricos e ao mesmo tempo, assinalamos o culto à Santa como fortalecedor da memória da coletividade e da familiaridade do lugar. Nesta direção, pontuamos a magnitude desses eventos religiosos, como fenômenos construídos pelas vivências.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festividade de Nossa Senhora do Bom Parto na comunidade da Mangueira, evidencia em linhas gerais, como os movimentos festivos voltados para as homenagens às imagens católicas, estão além do ato religioso, abrangendo a cultura e as emoções familiares. Diante disso, esperamos contribuir positivamente para o campo da religiosidade amazônica.

Sendo construtoras da identidade, as devoções direcionam agrupamentos de diferentes culturas, expressados pelos costumes carregados nos corpos dos seres humanos. Diante desse contexto, o movimento festivo do lugar torna-se considerado pelos moradores como patrimônio, onde as lembranças e as histórias dos sujeitos incorporam-se na imagem da Santa.

Torna-se importante ressaltar que esse fenômeno é caracterizado a partir das experiências coletivas, ou seja, as ligações devocionais dos comunitários com a Santa proporcionam valor de união e sociabilidade. Por isso, os processos de ressignificações e influências das imagens católicas surgem como ponto importante de pertencimento.

⁴² Ver em ARARIPE, Fátima Maria Alencar. **Do patrimônio cultural e seus significados**. Transinformação, v. 16, n. 2, pp. 111-122, 2004. p.118.

Sobre os relatos vistos ao longo do trabalho, pontuamos que não se limitam apenas às orações dirigidas à imagem católica e a devoção dos sujeitos, mas também acentuam as vivências e a construção da memória comunitária. Diante disso, afirmamos a Santa como local de recordação, onde as memórias das duas mulheres parteiras e dos moradores que contribuíram ativamente na comunidade, são perpetuadas no culto da imagem católica.

Faz-se considerável ressaltar que as memórias são seletivas e têm suas delimitações. Em vista disso, ao guardar no consciente apenas os fatos marcantes, os relatos descritos pelos colaboradores ganham ainda mais valor, pois surgem de momentos importantes de suas próprias histórias e trajetórias.

Ao considerar as limitações das lembranças, afirma-se que os relatos têm grandes valores para preservar a memória comunitária formada no lugar. Por isso, a festividade é um momento importante, onde atravessa no tempo a lembrança de um grupo e a devoção a uma intercessora.

Por fim, os santos como elementos sagrados, carregam incorporações e integrações culturais que modificam o espaço social. Neste viés, são capazes de movimentar grandes procissões e festejos impulsionados pelas emoções.

Assim, conclui-se que a imagem de Nossa Senhora do Bom Parto na comunidade da Mangueira, é o ponto central na construção comunitária, influenciando diretamente na formação do grupo e na organização social. Pensando na magnitude do festejo da Santa, situamos como um fenômeno de pertencimento movido pela memória da coletividade.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Juane Braúna. **Heranças e sincretismos na imaginária sacra brasileira: Os oratórios afro-brasileiros**. Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos, v. 31, pp. 31-37, 2023.

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. **Do patrimônio cultural e seus significados**. Transinformação, v. 16, n. 2, pp. 111-122, 2004.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; FARO, Mayra Cristina Silva. **Saberes de cura: um estudo sobre pajelança cabocla e mulheres pajés da Amazônia**. Revista Brasileira de História das Religiões, [S. l.], v. 5, n. 13, 2015. DOI: 10.4025/rbhranpuh.v5i13.30252.

BOURDIEU, Pierre. **A identidade e a representação: Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região**. In: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOYER, Véronique. Antigos mestres do espaço, novos protetores dos homens: formando um povoado na Amazônia brasileira. **Religião & Sociedade**, v. 42, n. 3, pp. 84-104, 2022.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Companhia das Letras, 2010.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. (Coleção Aldus, 18).

CAMPOS, Juliana Loureiro Almeida; SILVA, Taline Cristina da Silva; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. **Observação participante e diário de campo**: quando utilizar e como analisar. In: Métodos de pesquisa qualitativa para etnobiologia. Recife: Nupeea, 2021. pp. 95-112.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990. v. 1.

CIPOLINI, Pedro Carlos. **A devoção mariana no Brasil**. Teocomunicação, v. 40, n. 1, 2010.

DE FREITAS REIS, Marcos Vinicius; DE CARVALHO, Joel Pacheco. **A Igreja Católica na Amazônia**: diversidade religiosa e intolerância. Revista Observatório da Religião, v. 3, n. 1, pp. 153-172, 2016.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica**: princípios e fundamentos. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS (FAPESPA). **Estatística municipal**: Tracuateua. Belém: FAPESPA, 2023. Disponível em: fapespa.pa.gov.br. Acesso em: 22 jun. 2026.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GOOGLE. **Imagem de localização da Comunidade da Mangueira**. Satélite *Google Earth, Maps*. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/eb8AT3CAbfXbebPe6>. Acessado em: 22 jun. 2026.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006. pp. 15-61.

INSTITUTO PEDRA (org.). **Museu Boulieu**: Caminhos da fé. 1. ed. São Paulo: Instituto Pedra, 2022. p. 169. Disponível em: <http://institutopedra.org.br>. Acesso em: 22 jun. 2026.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LENZ, Ana Carla. **Festividades religiosas e socialização em espaços rurais: o caso de Silveira Martins-RS**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2020.

LIMA, Geórgia Pereira; NOBRE, Lucas Santos. **Migrações, culturas, e (in)tolerância religiosa nas Amazônias. Das Amazônias**, v. 6, n. 2, pp. 82-96, 2023.

LUZ, Genilce do Socorro da Silva. **Retextualizando gêneros orais: As poéticas orais da Comunidade da Mangueira, Tracuateua/PA, em contexto escolar**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2015.

LUZ, Lucas do Rosário. **Relatório do 1º Tempo Comunidade: História de vida e construção de saberes**. Tracuateua: [s. n.], 2022.

MACÊDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. **Revista Ágora**, n. 7, 2008.

MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, pp. 149-158, 1990/1991.

MARTINS, Karla Denise. **Culturas popular e erudita, breve revisão**. Revista de Ciências Humanas, Viçosa, v. 11, n. 2, pp. 235-244, jul./dez. 2011.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História oral como fonte: problemas e métodos**. Historiæ, Rio Grande, v. 2, n. 1, pp. 95-108, 2011.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular**. Norte Ciência, v. 2, n. 1, pp. 1-26, 2011.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesial: um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia**. Belém: Edições Cejup, 1995.

NONATO DA SILVA, Dário Benedito Rodrigues. **Os Donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX**. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém: UFPA, 2006.

NONATO DA SILVA, Dário Benedito Rodrigues. **A luta pelo controle da festa de São Benedito, em Bragança, Pará, na metade do século XX**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29ª, Brasília. Anais eletrônicos, 2017.

OLIVEIRA, Luiz Henrique de Araújo. **Com dois a devoção se vê, com três a fé se tece: o culto de Maria Polenta na Curitiba pós 1959**. 2025. Dissertação (Mestrado em História) – Setor

de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025. Disponível em: ufpr.br. Acesso em: 22 jun. 2026.

PACHECO, Agenor Sarraf. **Religiosidade afroindígena e natureza na Amazônia. Horizonte:** Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 11, n. 30, pp. 476-508, 2013.

PACHECO, Agenor Sarraf. **Os estudos culturais em outras margens:** identidades afroindígenas em “zonas de contato” amazônicas. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, v. 9, n. 3, pp. 1-19, 2012.

PANTOJA, Vanda; MAUÉS, Raymundo Herald. **O Círio de Nazaré na constituição e expressão de uma identidade regional amazônica.** Espaço e Cultura, n. 24, pp. 57-68, 2008.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres:** relato de uma experiência. **Cadernos pagu**, Campinas, n. 4, pp. 9-28, 1995. p. 9.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016. pp. 10-24.

PONTE, Vanderlúcia da Silva. **Saúde, doença e predação na cosmopolítica da gestação, do parto e do pós-parto entre as mulheres Tenetehar-Tembé da Terra Indígena do Alto Rio Guamá-Pará, Brasil.** Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 17-47, set./dez. 2021.

RIBEIRO JÚNIOR, João. Breve relato sobre a era dos descobrimentos. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, v. 32, n. 178, 2000.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. **A religiosidade popular brasileira.** Relegens Thréskeia, v. 4, n. 1, pp. 132–147, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5380/rt.v4i1.42266>.

SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência.** Psicologia USP, v. 4, n. 1-2, pp. 285-298, 1993.

SILVEIRA, Dayana D’Arc e Silva da. **Mulheres Curadoras e saberes terapêuticos-mágico-religiosos em Colares, Pará.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1632/1/dayanadarcasilvadasilveira.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2026.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **Pajés, benzedores, puxadores e parteiras:** os imprescindíveis sacerdotes do povo da Amazônia. Santarém: Universidade Federal do Oeste do Pará, 2016.